

Celina Luz: Representação Feminina na Imprensa Paranaense do Século XX¹

Pietra Dissenha HARA²

Nayara Tays de ALMEIDA³

Emilly Cristina de Oliveira DOMINGUES⁴

José Carlos FERNANDES⁵

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Na contramão da invisibilidade feminina na história do jornalismo do Brasil, registros indicam a incidência de mulheres no mundo da imprensa nacional desde o início do século XIX, fato que se acentua a partir dos anos 1950. A presente pesquisa busca mapear o material produzido por uma das mulheres das redações brasileiras que se destacou na imprensa nacional ao longo de sua carreira nesse período, Celina Luz. O estudo conta com a análise de acervos dos jornais dos quais a jornalista fez parte, além da busca de relatos com conhecidos da profissional. Com isso, encontram-se aqui os resultados já obtidos, como o livro protótipo “Celina Luz: a pioneira das redações”, produzido durante o curso de jornalismo na Universidade Federal do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Celina Luz; História do Jornalismo; Mulheres no Jornalismo; Mapeamento Histórico; Jornalistas do Século XX.

INTRODUÇÃO

A história do jornalismo no Brasil é um campo vasto e complexo, que tem sido objeto de considerável interesse acadêmico e pesquisa ao longo dos anos. No entanto, é importante notar que, apesar da abundância de estudos sobre o assunto, há uma tendência marcante de narrativas que privilegiam figuras masculinas em detrimento das contribuições das mulheres jornalistas (Abreu, Rocha, 2006). O fenômeno de apagamento ou sub-representação das mulheres no cenário jornalístico brasileiro não é

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: pietra.hara@ufpr.br.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: nayaraalmeida@ufpr.br.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: emilly.cristina@ufpr.br.

⁵ Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, orientador do trabalho: email zeca@ufpr.br.

um caso isolado dos campos da imprensa, mas reflexo de uma sociedade patriarcal em que mulheres, desde sempre, não podiam ser colocadas em posições de poder e de destaque. Alice Mitika Koshiyama (2001) observa essa omissão das mulheres nos registros históricos:

Os estudos históricos não privilegiam o olhar sobre as mulheres. Fazer de conta que as mulheres não existiam é um comportamento que ajudava a construir a história das mulheres como seres que não tinham identidade própria, reforçando a visão da mulher complemento do homem, Eva costela de Adão (Koshiyama, 2001, p. 2).

No Brasil, a inserção das mulheres se deu no jornalismo já no século XIX, com o alternativo *Jornal das Senhoras*, como destaque, sendo o primeiro periódico dirigido e escrito por mulheres do país (Casadei, 2012). Por se tratar da imprensa alternativa, pouco se fala sobre os espaços alcançados na época. A entrada de mulheres nas redações de grandes jornais, todavia, demorou um pouco mais, com nomes que surgem a partir da metade do século XX.

Ao conduzir a pesquisa para a esfera do jornalismo no estado do Paraná, destaca-se a figura proeminente de Celina Luz, uma das pioneiras das redações paranaenses. Nascida em São Francisco do Sul, Santa Catarina, no ano de 1933, foi em Curitiba que Celina encontrou um endereço profissional. Sua inserção na cena jornalística paranaense se deu por meio do jornal *Última Hora*, jornal criado pelo jornalista Samuel Wainer em 1951 e que abriu uma sucursal em Curitiba em 1959 (Wainer, 2005).

A redação da *Última Hora* na capital paranaense era pequena, ocupando uma sala do Edifício Asa, no centro da cidade. Desde o início da tiragem curitibana, o jornal se destacou por trazer inovações no jornalismo já consolidado da capital, trazendo mais camadas da sociedade a se interessarem pela leitura do periódico com táticas como o destaque para a cobertura policial e esportiva local (Sá Júnior, 2023).

No *UH*, a jornalista se destacou como colunista social – espaço das variedades, tradicionalmente reservado às mulheres que se aventuravam no meio jornalístico – colaborando na seção *Eles e Elas* ao lado de Nelson Faria de Barros entre 1962 e 1964. Faria de Barros, ainda que fosse freelancer na imprensa paranaense afinada com a

direita, vai se tornar um notável representante da esquerda “desbunde”⁶, atuando na editora Grafipar, que publicava revistas eróticas e libertárias (Fernandes, 2017).

Iniciando em um espaço “predestinado” para as mulheres, Celina passa a se destacar por trazer novos ares às colunas sociais, com maiores apurações e informações de qualidade para um setor dos jornais em que a futilidade tinha vez. Acredita-se que por isso que a jornalista passaria a atuar em cada vez mais edições da *Última Hora*, tanto em colunas quanto em reportagens sobre a cidade paranaense, até seguir carreira em outros jornais.

Fluente em francês, o que mais tarde lhe rendeu o trabalho de tradutora, Celina entrevistou personalidades de destaque, como Charles de Gaulle, ex-presidente da França e personalidade da Segunda Guerra Mundial. Sua atuação como jornalista ganhou novos contornos quando, após três anos dedicados à imprensa curitibana, a repórter passou a residir em Paris - em especial depois da pilhagem do jornal *Última Hora*, apedrejado em março de 1964 por secundaristas do Colégio Santa Maria (Fernandes, 2014). Os jornalistas do UH foram todos enquadrados nas nascentes leis de censura à imprensa (Dotti, Alvim, 1965), momento que Luz presenciou, ainda que não tenha sido sentenciada. Nesse período, inicialmente como bolsista do governo francês e posteriormente como correspondente do *Jornal do Brasil*, ela expandiu seus horizontes profissionais e culturais (Jornal do Brasil, 1999).

Manteve-se como correspondente internacional por cinco anos, até voltar para o Brasil, agora se estabelecendo na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com seu marido, o médico neurologista Sérgio Carneiro, com o qual dividiu sua vida até o fim. Voltando para o Rio, a jornalista continuou trabalhando para o *Jornal do Brasil* e voltou para a redação do *Última Hora*, agora na sede carioca e numa fase menos promissora (Medeiros, 2009). Além disso, comprou, em parceria com Carneiro, os direitos da revista *Interview*, tornando-se diretora da publicação. Celina morreu em 1999, em decorrência de um câncer no pulmão.

Sua contribuição ao campo da imprensa é vasta e significativa, no entanto, registros precisos de suas atividades são escassos. As informações dispostas acima só

⁶ Por “esquerda desbunde” entende-se o grupo de resistentes à ditadura, em todas as áreas da cultura, que entendiam a revolução como, também, um processo de mudança comportamental, tolerância às diferenças, o que vai ganhar corpo, décadas depois, com as políticas identitárias (nota dos autores).

pueram ser encontradas a partir do obituário de Celina Luz, publicado no *Jornal do Brasil* em 20 de janeiro de 1999.

Para conseguir mais informações sobre Celina, o grupo optou pela reconstrução via História Oral (Alberti, 2013). Entre as primeiras entrevistas está a realizada com Adherbal Fortes de Sá Júnior, jornalista que trabalhou com a pesquisada na redação do *Última Hora*, em Curitiba, no qual era o principal colunista político. Também foram consultados os jornalistas Walter Schmidt - pesquisador do jornal *UH* em Curitiba; o veterano Luiz Geraldo Mazza, que trabalhou com Celina Luz no *UH*; os veteranos da imprensa paranaense Hélio de Freitas Puglielli, Sylvio Back, Luiz Renato Ribas e Miecislau Surek - todos contemporâneos de Luz⁷.

Ao enfatizar a importância da pesquisa sobre jornalistas paranaenses, Celina Luz emerge como uma figura emblemática, cuja análise não apenas enriquece a compreensão do contexto jornalístico local, mas também lança questões sobre a narrativa histórica das mulheres no jornalismo brasileiro (Duarte, 2016; Berger, 2022; Teles e Leite, 2013).

O grupo, ao fim de um primeiro ciclo da pesquisa, optou por reunir parte do acervo encontrado de Celina para a confecção de um livro protótipo, e os primeiros resultados se encontram a seguir.

METODOLOGIA

Os autores se reuniram para discutir sobre o ponto de partida nas buscas de materiais sobre a jornalista Celina Luz. O grupo iniciou buscas pela internet, obtendo poucos resultados nas pesquisas e pouco material relacionado à jornalista. Foram encontrados seu obituário, publicado no *Jornal do Brasil* (1999), e algumas matérias que a jornalista escreveu para o mesmo periódico, de 1965 a 1968, principalmente na época em que foi correspondente do *JB* em Paris (Abreu, 1996). A procura foi realizada por meio da busca de “Celina Luz” na aba livros do Google com o filtro para jornais (Ribeiro, 2015).

⁷ Jornalistas das décadas de 1950 em diante são entrevistas do projeto de pesquisa Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná, ocupado de explorar resistência, passividade e estratégias democráticas de repórteres paranaenses que estavam nas redações no período da ditadura instalada em 1964. Em 2023 e 2024, o grupo estuda o apedrejamento do jornal *Última Hora*. O projeto está locado no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

Em contrapartida, foram realizadas buscas das reportagens no *Última Hora Curitiba*, pela Hemeroteca Digital Brasileira. Além disso, foram catalogadas as matérias redigidas para o *Diário do Paraná*, do grupo Diários Associados e com sede em Curitiba, no período de 1959 a 1961 (Côrtes, 2000). Utilizando os fac-símiles de suplementos como o Letras & Artes (Back, 2012), no qual Luz atuou, um dos integrantes do grupo digitalizou as reportagens e anexou ao drive do projeto.

Após grande parte do material coletado o grupo decidiu focar somente nas publicações da Celina Luz ao longo do ano de 1962 no Jornal *Última Hora*, edição Curitiba, por conter o maior número de reportagens e evidenciar o quão relevante foi esse episódio para a imprensa do final dos anos 1950 e início dos 1960.

Seguiu-se a etapa de entrevista, sendo uma delas com Adherbal Fortes de Sá Júnior, jornalista que trabalhou com Celina Luz no *Última Hora* Curitiba. O encontro ocorreu no dia 28 de junho de 2023, na residência do jornalista na capital paranaense, e contou com a participação dos membros do projeto de iniciação científica Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná.

Durante a entrevista, foi possível se aproximar tanto da personalidade quanto do perfil profissional de Celina Luz, reconhecendo-a não apenas como um nome na história do jornalismo local, mas uma referência intelectual. Sá (2023) relatou que Luz era uma ótima colega de trabalho, sempre bem informada e fluente em diversos idiomas, como francês e inglês. Inicialmente, redigia suas matérias diretamente da redação do jornal, mas passou a enviá-las de casa. De acordo com os relatos, escrevia com um dia de avanço e um *deadline* apertado. Sá (2023) relatou que na fase carioca da jornalista, muitas capas do *Jornal do Brasil* eram dadas para ela, um feito editorial no auge dos impressos. O jornalista finalizou a entrevista lembrando com carinho os tempos que trabalhou com Celina: “Foi bom enquanto durou” (Sá, 2023).

Outro contemporâneo de Celina que contou aos pesquisadores parte de sua relação com a jornalista foi o escritor, roteirista, cineasta e jornalista Sylvio Back. O entrevistado destacou que Celina era uma mulher muito culta, bonita e que escrevia extremamente bem. Back (2024) afirma que a jornalista sempre foi muito discreta, não se vangloriando por marcos jornalísticos durante o seu trabalho como colunista e correspondente internacional nos jornais em que fez parte da redação. O cineasta contou que a convivência com Celina Luz foi muito tranquila tanto como colega de trabalho

como, mais tarde, como amiga. “Ela não irradiava muito sobre o trabalho dela, sobre a vida dela, entendeu? Ela é uma mulher muito discreta. Com certeza ela era amada por todos os nossos, sem dúvida. Gostávamos dela” (Back, 2024).

Nas demais entrevistas – ainda em processo de compilação –, a jornalista é lembrada por sua vasta cultura ilustrada, pela elegância e por “não ser muito bonita”, com exceção de um dos ouvidos além de Sylvio Back, que destacou a aparência da repórter. O comentário abre espaços para se pensar gênero e, o que importa aqui, qual a representação e representatividade da mulher nos espaços notadamente masculinos das redações dos anos 1960 (Lima, Fernandes, 2021).

RESULTADOS PARCIAIS

A análise dos textos da coluna e reportagens de Celina Luz revelou resultados preliminares. A garimpagem no acervo digital do jornal *Última Hora* identificou cerca de 210 textos de Celina Luz em 1962; 107 em 1963 e 29 em 1964. Dessa forma, foram compiladas todas as matérias escritas pela jornalista para o periódico ao longo do ano de 1962. Em janeiro, foram registradas 12 matérias; em fevereiro, 11; em março, 14; em abril, 16; em maio, 13; em junho, 22; em julho, 27; em agosto, 26; em setembro, 25; em outubro, 26; em novembro, 11; e em dezembro, 7 matérias. Essa fase, preliminar e de arquivo, não inclui análise crítica do material coletado.

Entre os materiais coletados encontram-se as colunas de variedades que a jornalista escreveu, como a *UH em Sociedade*, o qual dedicou-se no início do ano de 1962, *Eles e Elas*, ao lado de Nelson Faria a partir de maio do mesmo ano e *Luzes da cidade*, além de reportagens locais, que se encontravam na página 3 de cada edição – historicamente ligada a cobertura local nas edições do *Última Hora* (Wainer, 1988).

Figura 1 - Reportagem de autoria de Celina Luz publicada no dia 29 de junho de 1962



Fonte: Hemeroteca Digital⁸

Nas análises pode-se observar que os textos de Celina no jornal refletiam sobre a sociedade curitibana, evidenciando os fatos da época, como os bailes e eventos sociais. No entanto, o apelo à cultura e a outros pontos de conhecimento também se evidenciam nos textos coletados. Por exemplo, na Figura 1, Celina discorre em sua reportagem sobre a moda da época durante o inverno curitibano, mostrando seus estudos na área. Percebe-se, assim, que a jornalista ultrapassa as expectativas que a coluna de variedades apresentavam na época, com apurações cada vez mais precisas e conhecimentos específicos evidenciados em seus textos.

A figura 2 apresenta a primeira publicação do ano de 1962. Celina escreve que irá abordar todos os aspectos sobre a sociedade curitibana na coluna *UH em Sociedade*, evidenciando seu compromisso em noticiar as dinâmicas sociais em Curitiba em seu novo espaço na redação do *Última Hora*.

Figura 2 - Primeira coluna de Celina Luz para a coluna "UH em Sociedade", publicada no dia 9 de janeiro de 1962.

⁸ Disponível em: <<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/14284>>. Acesso em 26 jun. 2024.

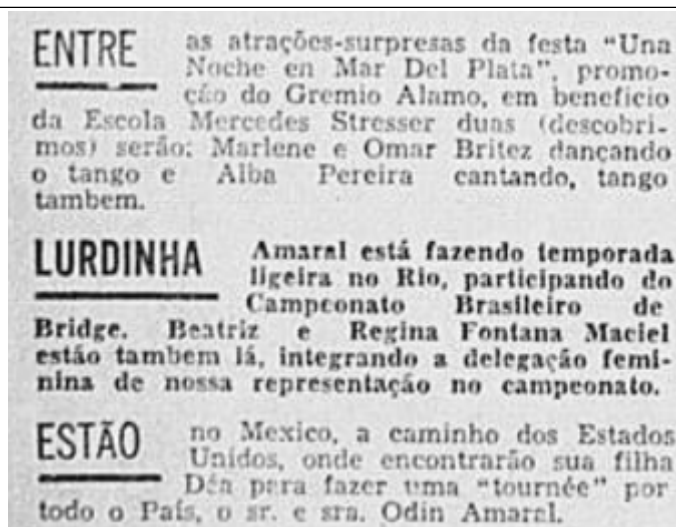


Fonte: Hemeroteca Digital⁹

A partir de maio de 1962, ao lado de Nelson Faria, Celina fez parte da coluna *Eles e Elas*, cujo objetivo permaneceu o mesmo, isto é, noticiar os acontecimentos sociais de Curitiba. Destaca-se o mês de setembro, quando foram publicadas 25 matérias, uma vez que, nos meses anteriores, as publicações ocorriam de forma mais espaçada. Com isso, pode-se observar que nesse mês a coluna destaca os bailes, festas, inaugurações e outros eventos sociais da elite curitibana. Além disso, os colunistas utilizam subtítulos em destaque ao longo do texto para mudar de personagem ou evento, como pode ser visto na Figura 3, referente a um trecho da edição de 4 de setembro de 1962, apresentando três intertítulos. No entanto, nos títulos das publicações analisadas percebe-se que o título de cada novo texto de *Eles e Elas* é reservado para o evento social mais relevante e com maior destaque entre os comentados na coluna.

Figura 3 - Trecho da coluna *Eles e Elas*, publicado no dia 4 de setembro de 1962

⁹ Disponível em: <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/830348/12791>>. Acesso em 26 jun. 2024.



Fonte: Hemeroteca Digital¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a marca de Celina Luz na imprensa local e nacional continua em progresso. A busca por textos da jornalista se mantém em andamento nos acervos digitais da Biblioteca Nacional e nos periódicos que, até o momento, sabe-se que Celina participou. O mesmo se dá pela busca de novos possíveis entrevistados que tiveram alguma ligação com a jornalista na época do *Última Hora* e *Diário do Paraná*, nos quais a jornalista esteve presente.

Como parte do projeto de pesquisa, formou-se o livro protótipo *Celina Luz: a Pioneira das Redações*, sendo projeto final da disciplina obrigatória Projeto Editorial e Gráfico, presente na grade curricular do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná. Busca-se, futuramente, produzir uma nova versão desse trabalho, com mais informações da jornalista e novos relatos. O grupo mantém no planejamento a publicação dessa obra para que mais pessoas saibam de um nome esquecido nos estudos atuais sobre o jornalismo nacional. A obra, em resumo, compila 45 textos assinados por Celina Luz, entre participações em colunas da editoria de sociedade e reportagens, e ainda não está disponível.

Ao longo do projeto, o grupo identificou que Celina produziu muito para a época, e mesmo assim não é lembrada em pesquisa em navegadores de busca e livros sobre a construção do jornalismo no Brasil, ao contrário de seus contemporâneos

¹⁰ Disponível em: <<http://memoria.bn.gov.br/docreader/830348/14863>>. Acesso em 27 jun. 2024.

homens de redação. Fica claro que Celina seguiu no jornalismo se destacando por sua competência nas redações – passando por coberturas de frivolidades até alcançar entrevistas com figuras estrangeiras e importantes da história contemporânea – e mesmo assim não recebe o mérito que mereceria. Nas próximas etapas da pesquisa, cabe veicular luz ao conceito de representação da mulher na imprensa, assim como a ideia de apagamento e invisibilidade.

Os motivos para o apagamento de uma mulher importante para a história da imprensa brasileira ainda são questionáveis. Um dos poucos casos que se pode perceber um certo reconhecimento foi o de Adalgisa Nery. Colunista do Jornal *Última Hora* na década de 60, em sua coluna política “Retrato sem Retoque” trouxe críticas severas a política nacional com um estilo único e se mostrando como pioneira no jornalismo político escrito por mulheres (Campoi, 2017). Segundo Samuel Wainer (1988, p.247), Adalgisa “agredia meio mundo com uma violência incrível, tratava militares a pontapés, demolia políticos, sempre se valendo do jargão nacionalista e getulista”. A escritora teve tanto sucesso que chegou a ser deputada estadual da Guanabara¹¹, sendo lembrada até hoje em artigos e livros dedicados a sua história.

O que fica claro durante todo o processo de busca do material é o fato de que existem ainda mais personalidades femininas esquecidas no passado do jornalismo, tal qual Jurema Finamour – jornalista e escritora que atuou em veículos como o jornal carioca *A Manhã* e a revista *Diretrizes*, além de produzir alguns dos primeiros livro-reportagem brasileiros sobre União Soviética, China e Cuba durante as décadas de 1940, 1950 e 1960 – que também se mantém no limbo do esquecimento histórico. Com isso, mostra-se um espaço que ainda pode – e deve – ser muito explorado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de (org). **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 1950. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

ABREU, Alzira Alves de. ROCHA, Dora (orgs.). **Elas ocuparam as redações**. Depoimentos ao Cpdoc. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

¹¹ Estado brasileiro que se manteve entre os anos de 1960 a 1975, com território equivalente ao atual município do Rio de Janeiro.

BACK, Sylvio (editor). **Letras e Artes: cinquenta aos.** Diário do Paraná. Edição fac-símlar. Curitiba/Foz do Iguaçu: Ed. Itaipu Binacional, 2012.

BACK, Sylvio. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2023.

BERGER, Christa. **Jurema Finamour: a jornalista silenciada.** Porto Alegre: Libretos, 2022.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **A coluna política de Adalgisa Nery no Jornal Última Hora e a crise pré-1964 no Brasil.** Antíteses, Londrina, PR, n. 19, v. 10, p. 211-237, jan./jun. 2017.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: primeiras experiências do final do século XIX.** Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 1, p. 1–10, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88218>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CÔRTEZ, Danilo. **O Diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses.** Curitiba: Ed. do Autor, 2000.

DOTTI, Renê. ALVIM, José Carlos. **Habeas-corpus impetrado ao Supremo Tribunal Federal.** Curitiba: Edição do autor, 1965.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminista e feminina no Brasil: século XIX.** Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016.

FERNANDES, José Carlos. Desejos impressos. **Revista Helena.** Curitiba, setembro de 201Ed. Biblioteca Pública do Paraná. N.6, p. 60-87.

FERNANDES, José Carlos. Pedras no *Última Hora*, que pecado. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 1.º mai. 2014. Opinião, p. 3.

<Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/pedras-no-ultima-hora-que-pecado-8oqwsrivwe8yp12evgkis500e/>>. Consultado em 1.º de maio de 2024.

JORNAL DO BRASIL. **Letras e Orquídeas. Obituário. Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 20 jan. 1999. Caderno Cidade, p. 22.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na Imprensa Brasileira.** XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2001.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J.C. Protagonismos de resistência: as vozes de dez mulheres jornalistas do Paraná, da ditadura militar à consolidação de uma trajetória profissional. In: SOSTER, D. de A.; ROVIDA, M. (org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2021. p.1-15.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Os últimos dias da *Última Hora* de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RIBEIRO, Belisa. **Jornal do Brasil: história e memória.** Os bastidores das edições mais marcantes de um veículo inesquecível. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Entrevista a Emilly Cristina Domingues, Érico Miranda dos Santos, Nayara Tays de Almeida e Pietra Dissenha Hara.** Curitiba: UFPR, 2023.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Entrevista ao grupo de IC jornal *Última Hora***, Curitiba, 2023.

TELES, Amelinha. LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. São Paulo: Planeta do Brasil, 1988.